

O Envolvimento de Universitários em Movimentos Religiosos

Pesquisadoras: Mari Nilza Ferrari Barros e Romilda Aparecida Cordioli Santos **Instituição:** Universidade Estadual de Londrina (UEL) **Fonte Financiadora:** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)

Introdução

A existência de queixas sobre o comportamento de alunos começou a ser uma constante na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Paralelamente a isso ocorriam notícias, nos diferentes órgãos de imprensa, sobre a dificuldade dos pais em controlar os filhos quando os mesmos se decidiam a abandonar suas casas para ingressarem em seitas ou movimentos esotéricos. Além disso, alguns casos de suicídio foram relatados e acompanhados em vários cursos da UEL. O departamento de Psicologia, pelas suas características de atuação, acom-

panhou estes fatos e recebeu solicitação para um estado mais detalhado.

Sabe-se que durante a etapa de formação acadêmica é possível estabelecer regras, orientar e modelar comportamentos; todavia, a conclusão do curso outorga ao aluno o direito de utilizar os conhecimentos adquiridos onde e quando quiser, enquanto que o código de ética impõe os limites de "como" utilizá-los. A busca por informações não cientificamente convencionais e a prática correspondente podem interferir diretamente nas ações profissionais desses alunos.

Constata-se hoje, na UEL, que isso não tem sido motivo de preocupação. Acredita-se que o contrário deveria ocorrer. Assim sendo, o objetivo deste trabalho transcende a identificação do número e da natureza dos "movimentos" religiosos aqui existentes; buscamos verificar quais os motivos ou as razões da participação dos estudantes nos mesmos, bem como analisar os efeitos que essa prática possa exercer sobre o comportamento do profissional que ora está em formação.

Esta pesquisa foi conduzida por duas docentes e alunos das disciplinas de Psicologia Social.

Várias reuniões foram programadas para o esclarecimento do tema, do problema e do referencial teórico. Utilizaram-se ainda informações da imprensa tanto para identificar os aspectos positivos quanto negativos do assunto, isto é, a alta incidência junto à população em geral de práticas esotéricas conduzindo, muitas vezes, a crises existenciais e à conseqüente necessidade da sistematização de conhecimentos para intervenções.

A amostra foi constituída de 2.550 alunos de ambos os sexos, abrangendo 31 cursos regulares de um total aproximado de 10 mil alunos. Respeitou-se o número de vagas ofertadas por cursos, o turno dos mesmos, a periodização (parcial ou integral) e a locação dos alunos no início, meio e fim do curso.

O instrumento para o levantamento dos dados foi um questionário semi-estruturado, contendo questões fechadas e abertas, permitindo ao estudante expressar seus sentimentos, conhecimentos e expectativas pessoais e profissionais.

A análise dos dados foi pautada em dois conceitos básicos de psicologia social: identidade e representação social, tendo como pressuposto teórico o materialismo histórico e a lógica dialética.

Resultados

Dada a impossibilidade de estender, nesta nota, todos os dados obtidos na pesquisa, serão relatados aqueles que permitem analisar a abrangência do problema, a natureza dos movimentos, a avaliação efetuada pelos estudantes quanto ao efeito produzido neles mesmos e a influência da participação em movimentos religiosos tendo em vista a atuação profissional futura.

Um dado que inicialmente se destaca refere-se ao catolicismo. Para 90% da população amostrada esta é a sua religião de batismo. Embora esse dado seja comum aos alunos dos mais diferentes cursos, aproximadamente um terço da amostra participa de "movimentos" religiosos. Isto representa uma percentagem significativa de estudantes universitários envolvidos em atividades de natureza religiosa, filosófica, cultural, moral e ética, segundo julgamento dos próprios alunos. É expressivo o número de movimentos citados: cerca de 180, distribuídos pelas mais diferentes tendências.

Quando solicitados a avaliarem as conseqüências da participação nesses movimentos, a grande maioria (70%) considera positivo o

saldo. Ou seja, as mudanças ocorridas após o ingresso têm valor positivo, e abrangem desde características de personalidade como extroversão, independência, tranquilidade, autocontrole, até aspectos da vida interpessoal como solidariedade, desapego às coisas materiais, entre outros.

As razões que levam estudantes a buscarem movimentos desse tipo distribuem-se em: pessoais, pressão de grupo, econômicas e outras, sendo a primeira — razões pessoais — a mais freqüentemente apontada, com 57%, seguida de "outras", com 35%. "Pressão de grupo" aparece com 5% e, finalmente, as "razões econômicas" representam 2% da amostra.

Esses dados sugerem que a análise deve se concentrar na relação que o homem estabelece entre ciência e religião.

Isso parece fundamental, visto que o conhecimento produzido, fruto de um controle rigoroso de variáveis intervenientes e, ainda, sempre obedecendo a todas as regras científicas, não é suficiente para dar ao homem respostas que reduzam suas angústias, dúvidas e incertezas. Na academia, os alunos têm à sua disposição os aparatos necessários para a construção tanto de um saber

formal, técnico e materialmente lógico, quanto as condições para transformar toda sua realidade. Constatamos que nem sempre é só isso o que eles buscam. A técnica assimilada subsidia a intervenção profissional futura; todavia, as questões "existenciais" não encontram espaço para respostas. Começa-se a perceber que a ciência parece velar o que a religião desvela, que no próprio processo de construção do cotidiano verdades e falsidades são elementos constitutivos da totalidade e, ainda, que o falso é sempre o outro lado da verdade. Quando a consciência se mostra incapaz de exprimir a "verdade do ser", a religião assume essa tarefa: "a religião é assim a forma alienada da essência humana" (Rouanet, 1990, p.70). Esse autor permite reflexões muito pertinentes, indicando que a religião, embora seja vista como a consciência que o homem tem de si mesmo, ainda assim é uma falsa consciência, pois ao refletir a imagem do homem o faz deformando essa imagem. A própria consciência que o homem tem de si mesmo é sempre parcial, pois está demarcada pelos "limites do que historicamente possível". Qualquer conhecimento é sempre parcial; assim, a "verdade está no processo e não nos momentos desse processo" (Rouanet,

1990, p.67). Verifica-se a confirmação disso em Habermas (1987, p.27), quando discute o "cientismo", sendo este entendido como "a fé da ciência nela mesma (...) não mais podemos entender a ciência como uma forma possível de conhecimento, mas que este deva identificar-se com aquela". Essa simbiose, onde o conhecimento seria expresso apenas pela e na ciência, é a irracionalidade contida na razão.

O dogmatismo é tão pernicioso à ciência quanto à religião, quando nesta se transfigura em fanatismo. A "cegueira" pode também mover os cientistas a "enxergarem" o que não vêem, ou a verem o que "não enxergam".

A fé não é uma característica exclusiva das doutrinas religiosas. Nestas, é uma exigência fundamental. A crença faz parte do mundo social. Tudo o que se faz é movido por um objetivo. As ações humanas são determinadas por intenções e necessidades. Acreditar em algo nos leva a perseguir metas, planejar, estabelecer limites, "criar" mundos que desejamos materializar.

Para os estudantes, a ciência e, neste caso, a universidade, não tem dado indicações suficientes para sanar ou reduzir, pelos menos, a ansiedade que muitas questões têm

gerado. É fora da instituição e em reuniões dentro dela (mas não através dela) que procuram as respostas formuladas à exaustão.

O aparecimento da religião, como bem coloca Chauí (1981), confunde-se com o surgimento da própria humanidade, e desde a origem de ambas aparentemente as dúvidas são as mesmas. Qual a origem da vida do homem no planeta? Existem mais um universo? As respostas são inconclusivas. Verifica-se, pelos dados, que os alunos têm claro que a ciência, com sua objetividade, clareza, concretude e lógica, não atende a todos os seus anseios enquanto pessoas. Buscam assim, na religião, a satisfação de alguns desejos, como diria Freud.

Para Alves (1981, p.58), "religiões são ilusões, realizações dos mais velhos, mais fortes e urgentes desejos da humanidade". Elas tornariam "a vida mais suave", seriam "narcóticos"; para Marx, seriam o "ópio do povo". Isto pode até parecer óbvio para os cientistas, principalmente os cientistas sociais. Todavia a questão se complica quando esta "fé", esta "crença", se cristaliza num "saber" e se transfere para a prática profissional. A nenhum técnico, qualquer que seja sua área de atuação, é concedido o

privilégio de violar o respectivo código de ética, tendo como justificativa os princípios norteadores de qualquer crença.

As pessoas que compram os serviços especializados, isto é, o conhecimento adquirido hoje por estes alunos e futuros profissionais, não esperam se submeter a decisões baseadas em orientações transcendentais.

Os dados apontam que os cursos de formação não discutem essas questões, mas a prática indica que não é rara aquela interferência. Assim sendo, pode-se concluir que o papel da universidade, enquanto local de plena habilitação, não está dando oportunidade a isso. Ao contrário, impulsiona grande parte de seus alunos a satisfazerem seus "desejos" fora dos bancos escolares. É preciso que a ciência se debruce sobre tais fatos, instigando os profissionais a duvidarem do próprio conhecimento. Ao fazer isto, a religião passa a ser um objeto de investigação e um dos caminhos pelo qual o homem busca ter acesso a uma "verdade".

A psicologia pode contribuir identificando e analisando esses comportamentos — individuais e institucionais —, propondo formas de inter'enção.

Referencias bibliográficas

ALVES, R. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense: Círculo do Livro, 1981.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 1981.

HABERMAS, J. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ROUANET, S. *A razão cativa. As ilusões da consciência: de Platão a Freud*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.